



**O Bebê e o seu Mundo:
Touchpoints, Vinculação, Parentalidade
e a entrada na Creche
Papel do Educador de Infância**

Sofia Inês dos Santos Gonçalves

Relatório Final
Curso Pós-Graduado de Aperfeiçoamento para as Ciências do
Bebê e da Família

Fevereiro 2016

Introdução

O momento em que o vínculo entre mãe e bebê começa a formar-se, durante a gravidez e aquando as primeiras interações *in útero* do bebê, marca o começo do primeiro laço afetivo que irá influenciar o bem-estar, o desenvolvimento e, até, a sobrevivência da criança. De acordo com Greenspan (2009) “Aprender a relacionar-se e a ter prazer com as outras pessoas (...) começa no momento em que [o bebê] olha pela primeira vez para os olhos da mãe e retira prazer da proximidade desta” (p.21), sublinhando-se o modo como a formação deste primeiro laço afetivo prepara o caminho para as relações afetivas significativas que o bebê formará no futuro. Ao longo da sua vida, a criança desenvolverá vínculos significativos com o outro; porém são os contactos precoces e as primeiras experiências sociais que irão modelar a percepção que o bebê tem do mundo.

Gomes-Pedro sublinha a importância deste vínculo precoce, destacando que “(...) sabem os teóricos da vinculação, sabem todos os clínicos atentos e, sobretudo, sabem-no os pais expectantes, que os primeiros encontros ou melhor, o tempo e o modo das primeiras relações, são decisivos para a consistência dos laços.” (2005, p.86).

Assim, atestando que os primeiros encontros são decisivos, a escolha do tema para a elaboração do presente relatório final ficou praticamente definida no final do módulo V do Curso Pós-graduado, intitulado “Da Neurociência à Vinculação”. Este módulo transportou-me até aos meus tempos de estudante na área da Educação de Infância, em que o principal foco era a criança, o envolvimento das famílias em contexto de sala de atividades e a importância de articular o trabalho realizado com os pais. Porém, ao trabalhar enquanto educadora verifiquei que existiam falhas na minha formação-base; não estava preparada para a carga emocional que o primeiro dia numa creche acarreta para pais e filhos. Quando temos à nossa frente uma família que nos confia o seu bebê pela primeira vez e observamos tanto a angústia da criança perante a ausência da figura de vinculação como o receio dos progenitores em quebrar o vínculo com o seu rebento, salienta-se a importância de repensar

qual o nosso papel enquanto profissionais neste período crítico na “história” daquela família.

Atendendo à minha área profissional, e sobretudo ao gosto de nutro por trabalhar com crianças pequenas, a vontade de querer saber mais, refletir mais e fazer melhor impulsionou a que procedesse à inscrição nesta formação. O meu objetivo passava, sobretudo, por aprender mais sobre os *Touchpoints* e conhecer formas de operacionalizá-los com as famílias das crianças com quem trabalhava. Realizando agora um balanço geral do ano de formação em “Ciências do Bebê e da Família”, verifico que esta formação me deu muito mais do que inicialmente previa e que modificou a minha visão do que implica ser educadora de infância na valência de Creche.

Sendo a reflexão a base para a ação, proponho fazer, num primeiro momento, uma análise sobre a **vinculação** não só como um processo biológico, essencial para a sobrevivência e desenvolvimento da criança, mas, principalmente, como um processo marcadamente afetivo entre a díade bebé-adulto de referência. Dado que “o conceito de vinculação tem sido amplamente estudado por diversos autores, reforçando a importância desta primeira relação como base de todo o relacionamento humano” (Cascais, 1998, p.64), no capítulo **Vinculação: da gravidez ao nascimento do bebé** pretendo conceptualizar alguns conceitos-chave que gravitam em torno do tema escolhido e explorar o nascimento do vínculo, desde a gravidez até ao nascimento do bebé.

Num segundo momento, pretendo também refletir sobre a **entrada do bebé na creche** e o desafio que esse marco acarreta para a criança, para os pais e para o educador de infância responsável. Cascais (1998) caracteriza a Creche como

Um ambiente responsável pela protecção da saúde física e mental das crianças, criado para dar continuidade de cuidados prestados pela família à criança, favorecendo, entre outras, a satisfação das necessidades emocionais básicas de intimidade, de atenção, de aceitação, de descoberta, de formação do eu em relação com o outro, de desenvolvimento da auto-estima. (p.64)

O desafio a que me proponho consiste em, no capítulo **O bebê e o contexto creche**, refletir sobre como a vinculação é fundamental para que a Creche se constitua um espaço de crescimento, desenvolvimento e amor.

O modelo *Touchpoints* de Brazelton será uma das bases da presente reflexão, dado que, de acordo com Brazelton e Sparrow (s.d) “Touchpoints are periods, during the first years of life during which children’s spurts in development result in disruption in the family system.” (p.1). Assim, uma vez que a entrada para a Creche constitui um período de stress e pressão familiar, este tempo poderá ser suavizado mediante a utilização deste modelo por profissionais competentes que acompanhem a família neste momento sensível – como é o caso do educador de infância.

Com esta análise espero conseguir transmitir as aprendizagens que fui consolidando no decorrer deste processo formativo e perspetivar o impacto desta formação na minha ação e visão enquanto profissional.

Desenvolvimento

Vinculação: da gravidez ao nascimento do bebê

Refletir sobre a importância do vínculo mãe¹-bebê implica definir, em primeiro lugar, o que se entende por vinculação e pensá-la como base da relação do bebê com os seus pais. Brazelton (1992) descreve a vinda de um novo bebê como um desafio para o casal, “(...) uma oportunidade de «se tornar uma família»” (p.15). Esta mudança na dinâmica do casal é marcada por emoções fortes, que passam pelo amor, pela expectativa em tornar-se pai/mãe, pelo afeto sentido pelo companheiro e pelo bebê, mas também pela ansiedade, pela responsabilidade e pelos medos e dúvidas que surgem – Serei uma boa mãe? Serei capaz de tomar conta do bebê? Vai correr tudo bem?

Este ponto de viragem, a gravidez, mais especificamente a consulta pré-natal, afirma-se como o primeiro *Touchpoint*. Brazelton (1992) também se refere a este período como o nascimento da vinculação, marcado pelas fantasias do casal sobre como vai ser o seu bebê, o bebê imaginado ao qual já se sentem ligados. Para a mãe, a formação de um vínculo com o seu bebê é, porventura, mais instintiva, mais imediata; Brazelton (1992) descreve a formação desse laço deste modo:

Ao longo da gravidez o feto faz experiências e é moldado pelas experiências da mãe. Na medida em que se mexa em resposta a essas experiências, essa actividade dará à mãe um feedback que a informa da maneira como ele reage, que talvez mesmo lhe dê uma sensação do modo como ele é, que também começa a moldá-la em relação a ele. (p.37)

Os movimentos do feto em resposta à atividade da mãe fornecem pistas sobre as suas preferências e o seu temperamento, fortalecendo na grávida o sentido de reconhecimento, de capacidade, conferindo à mãe a certeza de que *este é o meu bebê e eu conheço-o melhor que ninguém*.

¹ Nota: ao longo do presente trabalho a mãe será referida como a figura de vinculação, porém há a compreensão de que nem sempre é esta a pessoa a quem o bebê se vincula.

Mas a verdadeira aventura no mundo da parentalidade e vinculação começa com o segundo *Touchpoint*, o nascimento do bebê. Gomes-Pedro (1985) descreve-o como gerando como um misto de emoções, referindo que,

Quando a seguir ao nascimento se dá o encontro mãe-filho, as forças instintivas fazem com que seja fácil para a mãe «apaixonar-se» pelo seu bebê. Manter este estado, porém, implica um longo processo de aprendizagem, quer em relação a si própria, quer em relação ao recém-nascido, que tem de ser motivado e protegido. (p.71)

A chegada do recém-nascido constitui um momento sensível para os novos pais, que começam a descobrir o seu bebê real, diferente do que, porventura, tinham fantasiado durante a gravidez. Este é também um período de intensa adaptação para o recém-nascido, que está a descobrir um novo mundo de sensações e estímulos dos quais estava resguardado até à data, precisando, neste ponto, do apoio, proteção e afeto de uma figura à qual se irá a vincular.

Portugal (1998) referencia que “por vinculação, Bowlby refere-se a todo o comportamento que permite ao bebê estabelecer e manter a proximidade ou contacto com a mãe.” (p.41). De facto, a capacidade de resposta do recém-nascido à estimulação por parte dos adultos constitui-se como uma forma de vinculação. Segundo Brazelton e Cramer (1989), as aptidões complexas com as quais o bebê nasce têm um valor compensatório e de valorização junto dos pais, que, por sua vez, se demonstram mais predispostos a enriquecer o diálogo com o seu recém-nascido. Assim, como afirmam Brazelton e Cramer (1989), “O comportamento do bebê e as reações instintivas dos pais cruzam-se na fase que se segue ao nascimento, para favorecer o desenvolvimento da vinculação entre ambas as partes.” (p.59).

O repertório de comportamentos com os quais o bebê nasce é, de um ponto de vista biológico, uma “ferramenta” essencial à sua sobrevivência, sendo a sua capacidade de expressar certos comportamentos em resposta aos estímulos dos pais uma parte fulcral na formação do vínculo. As aptidões apresentadas pelos recém-nascidos reforçam a Teoria da Vinculação de Bowlby - “He [Bowlby] also strongly argued, from an evolutionary perspective,

that attachment is an innate biological system promoting proximity-seeking between an infant and a specific attachment figure. This proximity then increases the likelihood of survival to a reproductive age.” (Swain, Lorberbaum, Kose & Strathearn, 2007, p.263). Partindo da Teoria de Bowlby, a vinculação assume-se, num primeiro plano, como um sistema biológico cujo principal objetivo é assegurar a sobrevivência da criança. De igual modo, a vinculação tem um marcado impacto no desenvolvimento do bebê. De acordo com Portugal (1998),

(...) a relação que se estabelece entre a mãe e o filho, a partir do nascimento, é sem dúvida o aspecto psicológico mais importante da vida do bebê. Não só porque facilita os primeiros modelos de experiência através dos quais se modela o mundo relacional interior mas também porque através da relação com a mãe aprende a distinguir-se a si mesmo do mundo exterior e a adquirir uma individualidade própria.
(p.49)

Assim, sendo as experiências e reações da mãe modeladoras do comportamento e o ponto de partida para o bebê construir os seus próprios modelos relacionais, importa pensar na qualidade da vinculação e nos efeitos que uma vinculação insegura pode ter no desenvolvimento do bebê.

Gomes-Pedro (2005) considera que a relação precoce entre mãe e bebê não irá, por si só, influenciar todo o desenvolvimento infantil, porém é “(...) a experiência, ou melhor a interpretação das transações iniciais, o que vai condicionar o futuro desenvolvimento emocional através das expectativas que cada criança vai construindo sobre si própria e sobre os outros.” (p.202). Brazelton e Greenspan (2000) reforçam esta ideia, destacando que as famílias que subestimam a importância dos afetos podem comprometer significativamente as capacidades cognitivas e emocionais dos seus bebês. Uma vinculação segura implica que o adulto de referência seja sensível às interações do bebê e emocionalmente disponível para atender às suas necessidades. Pelo contrário, quando os cuidados prestados à criança são imprevisíveis, pontuados pela rejeição ou negligência, a vinculação tende a revelar-se insegura ou desorganizada (Swain et al, 2007).

Papalia, Olds e Feldman (2001) referem que “As crianças pequenas com uma vinculação segura são mais sociáveis com os pares e com adultos não familiares do que as crianças inseguras.” (p. 251), o que pressupõe que uma vinculação segura poderá ser determinante para a adaptação do bebê quando este começar a frequentar a creche.

De acordo com Portugal (1998),

Dada a constatação de que a qualidade das relações e estilos maternos tem um importante papel na adaptação da criança à creche, justifica-se um particular cuidado com a promoção das relações familiares e conjugais, no sentido de permitir à criança enfrentar o contexto creche segundo uma trajetória mais positiva. (p. 257)

A autora enfatiza assim a relevância da qualidade da relação mãe-criança na adaptação ao contexto educativo, indo, deste modo, ao encontro da reflexão que realizei sobre o módulo V e na qual me foco na importância da vinculação segura na entrada da creche, na comunicação entre pais e educador e na responsabilidade do educador em estabelecer uma ligação estável e afetiva com o bebê. Como então sublinhei,

Sendo esta [a entrada do bebê na creche] uma situação de stress, na qual a criança será entregue a um adulto com quem não tem um vínculo, a segurança que os pais lhe transmitem e o tipo de ligação que pais e bebê possuem é essencial na adaptação ao contexto educativo. Cabe também ao educador/professor estar disponível para conversar com os pais sobre os seus receios, dúvidas e expectativas, promovendo uma relação aberta com a família e auxiliando a entrada do bebê na creche. (Reflexão Módulo V).

Reforçando a importância da qualidade da creche e da prática pedagógica do educador na adaptação do bebê ao contexto educativo, Fridlund, Gleitman e Reisberg (2011) ressaltam que “Embora alguns argumentem que a separação precoce, da pessoa que habitualmente cuida da criança, pode afectar negativamente a criança, outros afirmam que a questão não está no frequentar a creche mas, sim, na qualidade dessa creche.” (p.

797), qualidade essa que se traduz na prática do educador de infância, que deverá ser pautada pela compreensão e respeito das vivências familiares, pelo encorajamento e pela reflexão.

Deste modo, torna-se importante que o educador de infância esteja sensibilizado e consciente da complexidade por detrás da vinculação entre a criança e a sua figura de vinculação do processo de vinculação. O bebê, quando chega pela primeira vez à sala de berçário nos braços dos seus pais, tem já uma história de vida complexa, marcada pelos afetos, pontuada por alguns receios e, sem ainda o saber, terá de lidar com a separação da sua figura de vinculação. Já os pais, que escolheram ou foram confrontados com a necessidade de deixar o seu bebê aos cuidados do educador, receiam que a entrada na creche os afaste da criança e que esta não se adapte bem. Brazelton (1995) refere que a ligação ao bebê pode ser, para os pais, simultaneamente gratificante e dolorosa, estando subjacente à ligação afetiva um profundo receio de perda. Constituindo um momento muito sensível, o ingresso na creche abarca um turbilhão de emoções tanto para pais como para filhos, podendo resultar na vulnerabilidade da dinâmica familiar. De acordo com os *Touchpoints*, estes momentos de desorganização são uma oportunidade para o profissional auxiliar a família, dando-lhe ferramentas e apoio para ultrapassar estas crises de desenvolvimento.

Enquanto educadora de infância, pretendo focar-me na importância de refletir sobre um dos "momentos sensíveis" para o qual estou mais sensibilizada e inevitavelmente envolvida: a entrada do bebê na creche.

O bebê e o contexto creche

Quando a entrada na Creche se torna uma certeza para a família, mãe e bebê já se conhecem bem: o vínculo entre eles é, à partida, forte e seguro, transpuseram com sucesso alguns Touchpoints do bebê (como por exemplo o Touchpoint das 3 semanas, a fase das “cólicas”) e, até à data, contaram com a ajuda do pediatra ou do médico de família para os apoiar nestes períodos sensíveis para toda a família.

A “personagem” do educador de infância entra em cena com a entrada do bebê na creche e como mais um profissional que irá relacionar-se com a criança e respetiva família. Porém, o papel do educador na creche pode e deve assumir outras dimensões, das quais destaco a que considero mais pertinente: ser um parceiro da família na educação e desenvolvimento do bebê.

Como referi anteriormente, o educador de infância deve estar sensibilizado para a história do bebê e da sua família, o que implica, necessariamente, manter um diálogo constante com os pais. Dou como exemplo a primeira entrevista à família, que normalmente é realizada antes da criança começar a frequentar a instituição; esta situação, que por norma é um dos primeiros momentos de contacto entre o educador e os pais, deverá constituir o começo de uma relação de parceria. Se o educador pensar este momento não como uma entrevista, na qual tem de questionar os pais sobre as características do seu bebê, mas sim como um encontro em que os pais partilham as suas dúvidas, receios e expectativas parentais, o tipo de relação que se forma será provavelmente diferente, menos hierárquico e de maior parceria. Este tipo de interação com os pais implica que o educador esteja mais disponível e mais sensível perante a difícil tarefa que os pais enfrentam: entregar o seu bebê, por algumas horas, a uma pessoa que não lhes é familiar.

Por norma, o educador de infância apenas conhece o bebé quando este completa os quatro/ cinco meses, coincidindo o fim da licença de maternidade da mãe com a entrada da criança na creche. Em outros casos, a família organiza-se de modo a cuidar do bebé em casa e protelar a sua entrada na creche por mais uns meses.

Esta decisão está, habitualmente, intrinsecamente ligada ao estilo de vida da sociedade atual, no qual mulheres e homens se vêm divididos entre as suas obrigações profissionais e familiares, o que, por si só, já acarreta um sentimento de insegurança e de stress; além disso, são também confrontados “(...) demasiado cedo, com a inevitabilidade da entrega do seu bebé a alguém que, por princípio, é tido como mais competente em várias áreas, sobretudo na da Educação.” (Gomes-Pedro, 2005, p.178). Ter o educador de infância como indivíduo “mais competente” desvaloriza a posição dos pais em relação ao seu bebé, erroneamente. Os pais são os peritos no seu bebé e parte do educador, da sua sensibilidade e das suas iniciativas, estabelecer uma parceria com a família; é através da compreensão que o educador faz da família, da sua história e das suas fragilidades que encontra as ferramentas necessárias para a apoiar quando for necessário.

Cascais (1998) destaca que “O progressivo conhecimento sobre as interações precoces e a natureza da relação entre a mãe e o bebé vai influenciar e modelar a relação dos técnicos e da criança” (p.65), o que sublinha a importância de conhecer e compreender a família para conhecer o bebé – compreender esta criança dentro da sua estrutura familiar e enquanto cidadão inserido numa comunidade é fundamental e irá, como a autora referiu, “modelar a relação” entre educador e criança. Como referido anteriormente, conhecer a história do bebé é um aspeto fundamental para o educador não só estabelecer uma relação com a criança, mas também para estruturar a sua prática educativa. A história do bebé engloba não só saber aspetos mais técnicos (se tem patologias, alergias ou preferências por certos alimentos) mas conhecer o seu percurso emocional – como foi o período pós-parto? Como correu a relação pais-bebé? Quem são as suas figuras de referência? O conhecimento destes aspetos modela a forma como o educador deve interagir

com o bebê e respectivos pais; implica também que se estabeleça uma relação de confiança e de abertura entre profissional e família. Este tipo de abordagem implica que, em vez de “entrevistas”, haja conversas; que os conselhos de “especialista” sejam substituídos pela escuta ativa e troca de ideias.

Se refletirmos sobre o que significa a entrada na creche para a família, por norma, a primeira preocupação é o bebê: é o início de uma nova etapa no que concerne ao desenvolvimento global do mesmo, implica a adaptação a um novo espaço, a uma nova figura de referência (que poderá ser a educadora ou a assistente operacional), a novos materiais e a novas rotinas. Porém o factor mais marcante consiste na separação entre os pais e a criança, um afastamento que, não obstante ser apenas por umas horas, tem grande impacto em toda a estrutura familiar - “O bebê perde os seus pontos de referência e daí uma certa desorganização, inquietude, se não mesmo angústia e sofrimento.” (Portugal, 1998, p.19).

Sendo este um momento sensível, em que a família se encontra emocionalmente instável dada a alteração da rotina familiar, a intervenção sensata e pensada do educador pode ser essencial. Sparrow (2016) define, com base no modelo *Touchpoints*, o que significa trabalhar em parceria com as famílias:

a abordagem dos Touchpoints não é sobre o médico ter a crença de ter um campo de conhecimento que precisa de dar aos pais, mas sim ajudar os pais a descobrir que eles têm a capacidade de se tornarem nos pais que querem ser.

Através desta afirmação, o autor operacionaliza o princípio “Os pais são os peritos no seu bebê” que, não desvalorizando todos os outros adultos presentes na vida da criança, é especialmente importante no começo das interações família-educador. Reforçar aos pais que, mesmo nos momentos mais difíceis, eles são os maiores peritos no seu bebê e que são eles, melhor do que ninguém, que o podem ajudar é um grande reforço positivo às suas capacidades parentais. Ter este princípio em mente também obriga o educador a ser mais “humilde”, a refletir mais sobre como promover práticas integradoras da família na creche e não no que pode fazer sozinho, pois se o trabalho

desenvolvido na creche não possui como base o contexto e as vivências da criança é um trabalho sem alicerces, que não será significativo para o bebê.

Sublinhar a relação pais-criança tendo em conta as características individuais de cada bebê e respetiva família constitui-se então como a chave para uma boa prática pedagógica e, fundamentalmente, para uma boa adaptação à creche. A relação de confiança que se estabelece dentro da tríade criança – família – educador de infância, onde ninguém é substituível e cada um tem o seu papel, é a impulsionadora do desenvolvimento da criança, da harmonia no seio da família e do trabalho desenvolvido pelo educador de infância.

Em jeito de conclusão, sublinho as palavras de Gabriela Portugal (1998):

Aquilo que melhor parece predizer o desenvolvimento social da criança é a combinação das situações familiares e da creche. Os bebês que frequentam creches de elevada qualidade, e que se desenvolvem em famílias que experienciam pouco stress, mais apoios sociais, com valores e práticas sociais mais apropriadas ao desenvolvimento da criança, serão os mais socialmente competentes. (p. 181)

Com uma visão mais refletida e trabalhada sobre a importância da vinculação no desenvolvimento da criança e na estrutura emocional da família, perspetivo agora, de forma renovada, a minha prática pedagógica enquanto Educadora de Infância.

Considerações Finais

A vinculação foi assumindo, ao longo deste ano de formação e reflexão, uma crescente relevância na forma como perspectiva a prática pedagógica na valência de creche.

Quando reflito sobre quem eu era em janeiro de 2015 como profissional, apercebo-me que o foco estava muito no que eu podia aprender e que ferramentas podia utilizar para trabalhar com os pais e que estratégias poderia utilizar para lidar com os períodos sensíveis da criança. A vinculação era “apenas” o laço entre mães e filhos, obviamente importante, mas sem a profundidade que agora assume.

O eu de fevereiro de 2016 tem uma perspectiva um pouco diferente: o foco agora está no que eu posso fazer para capacitar e encorajar os pais a serem e fazerem o melhor possível para o seu filho, sobretudo durante os Touchpoints da criança. A vinculação é a base de todo esse processo – o amor que os pais sentem pelo filho e a reciprocidade desse afeto terá impacto na forma como o bebê se adapta à creche, como reage à separação da mãe e como se relaciona com os seus pares e com os adultos de referência na sala de atividades.

O presente relatório revelou-se uma forma eficaz de refletir sobre os aspetos menos positivos da minha prática pedagógica até ao momento, levando-me a perspetivar uma nova forma de ser e de estar enquanto educadora e parceira das famílias no maravilhoso processo que é ajudar uma criança a crescer. Desta aventura levo uma lição fundamental: a base de toda a ação, interação ou intervenção é, sem dúvida, o Amor!

Bibliografia

- Brazelton, T. B., (1989). *A Relação mais Precoce*. Lisboa: Terramar.
- Brazelton, T. B., (1992). *Tornar-se Família*. Lisboa: Terramar.
- Brazelton, T. B., (1992). *O Grande Livro da Criança* (13ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, T. B., & Sparrow, J., (s.d.). *The Touchpoints Model of Development*. Consultado em 25 fevereiro 2016. Disponível em <http://www.brazelton-institute.com/intro.html>.
- Cascais, A., (1998), Uma Questão de Cheiros. In *Cadernos de Educação de Infância* (nº48). Lisboa: APEI.
- Fridlund, A., Gleitman, H., & Reisberg, D., (2011). *Psicologia* (9ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes-Pedro, J., (1985). *A Relação Mãe-Filho – Influência do contacto precoce no comportamento da díade*. Lisboa: Estudo Gerais – Série Universitária.
- Gomes-Pedro, J., (2005). *Para um Sentido de Coerência na Criança*. Sintra: Publicações Europa-América.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R., (2001). *O Mundo da Criança* (8ª ed.). Lisboa: Editora McGraw-Hill.
- Portugal, G., (1998). *Crianças, Famílias e Creches – Uma Abordagem Ecológica da Adaptação do Bebê à Creche*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G., (1998). O processo de separação/adaptação à creche. In *Cadernos de Educação de Infância* (nº48). Lisboa: APEI.
- Sparrow, J., (2016). *Mudar uma fralda é uma coisa técnica, ser pai não*. Consultado em 24 fevereiro 2016. Disponível em <http://observador.pt/especiais/mudar-fralda-coisa-tecnica-pai-nao/>.
- Swain, E., Lorberbaum, J., Kose, S., & Strathearn, L., (2007). Brain basis of early parent– infant interactions: psychology, physiology, and in vivo functional neuroimaging studies. In *Journal of Child Psychology and Psychiatry* (pp 262–287) Massachusetts: Blackwell Publishing.

